

## O VIGOR DO ESQUEMA TELEOLÓGICO ARISTOTÉLICO ANTE A CRISE MORAL PÓS-MODERNA

André Marcelo M. Soares\* - PUC-Rio

A cultura atual caracterizada por um *cosmopolitismo libertário*, além de pós-moderna, é também claramente pós-cristã<sup>1</sup>. O *intellectus fidei* foi substituído por uma espécie de *emotivismo religioso*. Há um hiato entre fé e razão, que se vê refletido nas ações morais. A fé, transformada num sentimento agradável e terapêutico, fica impossibilitada de fundar compromissos morais na vida pública. Ocorre uma extrapolação do genuíno sentido da experiência religiosa. Tudo passa a ser religioso e, justamente por isso, torna-se difícil instituir, através da razão, parâmetros para avaliar a



compatibilidade entre agir moral e experiência religiosa. Alguém pode, por exemplo, se afirmar profundamente cristão e praticar atos contra a dignidade da vida humana. Não se trata de uma simples *epoché* (suspensão de juízo), mas de uma *apatheia* (apatia, falta de iniciativa e indiferença) da razão. Neste contexto de compromissos pós-cristãos, as concepções cristãs a respeito da conduta moralmente apropriada não podem funcionar coerentemente. Já não existe mais a estrutura moral de outrora que conferia sentido a essas concepções. Estranhamente, se faz necessário reconstruir o discurso sobre a razão para possibilitar, a seguir, um diálogo com a fé.

Em todos os setores da sociedade contemporânea predomina um *emotivismo*<sup>2</sup> e a dissolução da racionalidade prática. A linguagem da moralidade contemporânea é tão desordenada que não passa de fragmentos, de um esquema conceitual, desprovidos de sentido e função. A moralidade

---

\* Doutor em Teologia Sistemática pela *Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro* (PUC-Rio), com pós-doutorado em Teologia Moral (PUC-Rio), pós-doutorado em Ética Biomédica pelo *Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho* (IBCCF/UFRJ) e pós-doutorado em Bioética pelo Instituto de Bioética da *Universidade Católica Portuguesa* (UCP-Porto). Coordenador acadêmico e professor do curso de Especialização em Bioética da PUC-Rio. Membro do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Instituto Nacional de Câncer (INCA - Ministério da Saúde). Membro da Comissão de Bioética da *Conferência Nacional dos Bispos do Brasil* (CNBB) e membro da Equipe de Apoio da Seção Vida do *Consejo Episcopal Latinoamericano* (CELAM).

<sup>1</sup> Cf. ENGELHARDT Jr., H. T. *Fundamentos da bioética cristã ortodoxa*. São Paulo: Loyola, 2003, pp. 287-294.

<sup>2</sup> Para os *emotivismo* não existe objeto ou ação que possua valor em si. O valor moral, por exemplo, depende, em última análise, do efeito emocional produzido em alguém ou da emoção que um sujeito pode provocar em outros sujeitos. Este posicionamento cai inevitavelmente num irracionalismo, uma vez que se torna impossível encontrar razões objetivas para justificar um valor. Cf. CORTINA, A.; MARTÍNEZ, E. *Ética*. São Paulo: Loyola, 2005, pp. 86-87.

contemporânea é um simulacro de moralidade, uma coleção de fragmentos de moralidades passadas que não formam mais um todo coerente<sup>3</sup>. O caos instalado na linguagem da moralidade contemporânea é tão grande que nem a própria Filosofia contemporânea tem recursos para reconhecer a sua extensão total, muito menos oferecer uma saída para ele.

Cada pessoa se tornou a fonte de autoridade moral secular<sup>4</sup>. Elas “parecem simplesmente proferir imperativos que exprimem seus gostos e escolhas privadas”<sup>5</sup>. Parece não haver um modo racional de assegurar um acordo moral na cultura contemporânea, como revela a assustadora variedade de respostas alternativas e incompatíveis que indivíduos e grupos opostos dão às questões relativas à justiça, por exemplo<sup>6</sup>. Como já havia observado o filósofo Martin Heidegger (1889-1976): “em nenhuma época o homem se tornou tão problemático como na nossa”<sup>7</sup>.

O projeto filosófico de matriz iluminista, preocupado em dar à moral uma justificação racional independente da tutela teológica e das tradições, deixou como herança para a *bioética secular liberal* a crença em princípios morais universais que serviriam como instrumentos de validação e crítica da conduta moral. Essa postura fracassou porque compartilhava um fundo histórico comum de crenças morais herdadas do cristianismo, mas privado do esquema que lhe dava coerência e sustentação, ou seja, o esquema teleológico aristotélico.

Para tal esquema, os preceitos morais, independentemente da sua origem filosófica ou teológica, devem orientar o homem para o caminho certo, para passar da potencialidade ao ato, isto é, o homem deve sair do seu estado não-instruído (o que ele é) para aquele em que realiza plenamente sua essência de ser racional, o seu *telos* (fim). Neste sentido, os preceitos morais, na sua acepção mais fundamental, devem dar ao homem o entendimento da sua verdadeira natureza e do seu verdadeiro fim, estabelecer uma clara distinção entre os vícios e as virtudes e, finalmente, apresentar como devem ser educados e ordenados os desejos e as emoções.

No contexto religioso, o discurso moral teve sempre uma dupla função: dizer ao homem como ele deve conduzir suas ações de acordo com várias circunstâncias que se apresentam ao longo da vida e dizer que os preceitos norteadores da vida moral são ordenados por Deus e compreendidos pela simples razão. Com o *protestantismo* e com o *jansenismo* foi incorporada uma

---

<sup>3</sup> Cf. CARVALHO, H. B. A. de. Alasdair MacIntyre e o retorno às tradições morais de pesquisa racional. In: OLIVEIRA, M. A. (Org.). *Correntes fundamentais da ética contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 32-34.

<sup>4</sup> Cf. OLIVEIRA, M. A. (Org.). *Correntes fundamentais da ética contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 7.

<sup>5</sup> MACINTYRE, A. *After virtue*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1981, p. 266.

<sup>6</sup> Cf. ENGELHARDT JR., H. T. *Fundamentos da bioética*. São Paulo: Loyola, 1998, p. 52-56; TUGENGHAT, E. *Lições sobre ética*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 364-388.

<sup>7</sup> HEIDEGGER, M. *Kant und das Problem der Metaphysik*. Frankfurt a. Main: Vittorio Klostermann, 1951, p. 189.

nova concepção da razão. Blaise Pascal (1623-1662), uma dos ilustres representantes do *jansenismo*, foi uma figura importante nessa transformação. Segundo ele, a razão não pode compreender a essências ou transições entre potencialidade e ato. A razão é incapaz de investigar ou formular qualquer juízo sobre o fim do homem. Esta concepção da razão é pobre e foi ela que vigorou nas reflexões de Kant e Sören Aabye Kierkegaard (1813-1855)<sup>8</sup>.

A rejeição secular à teologia católica e protestante, que guardavam o elemento do teleologismo clássico, somada à rejeição científica e filosófica do aristotelismo pulverizou toda a possibilidade de qualquer noção da realização da natureza essencial do homem no seu *telos*. Sem a noção de um *telos* para que os preceitos morais cumpram sua função mediadora, da passagem do estado original para a realização da essência do homem, as injunções da moralidade se transformam em preceitos que vão ao encontro das tendências da natureza humana concebida não-teleologicamente.

Não percebendo a transformação de natureza histórica sofrida pela moralidade e pela linguagem moral, os pensadores iluministas não perceberam as dificuldades em fundar a moralidade sob bases racionais independentes. Em outras palavras, os filósofos do século XVIII engajaram-se num projeto que era inevitavelmente malsucedido desde o início.

Na tentativa de restabelecer o teleologismo, os filósofos Jeremy Bentham (1748-1832) e John Stuart Mill (1806-1873), fundaram o *utilitarismo* como uma alternativa ao indeterminismo moral resultante da proposta iluminista, que liberou o homem de todo e qualquer vínculo com hierarquias e teleologias, tornando-o soberano na determinação dos conteúdos axiológicos<sup>9</sup>. Para o *utilitarismo*, o que é bom se iguala ao que é útil, porém este útil não deve ser entendido como aquilo que é proveitoso somente para um indivíduo ou como aquilo que visa o interesse geral sem levar em conta os interesses pessoais. Segundo Stuart Mill, o bem e o mal são questões de experiência e é justamente por isso que a ação moral deve encontrar seu fundamento na vida social, na qual o bom, enquanto útil, é o mais vantajoso e o que traz menos sofrimento para o maior número de indivíduos de uma mesma sociedade.

O *utilitarismo* é um *consequencialismo*, que vincula a moralidade de uma ação não a uma norma, mas às suas consequências. É a consequência de uma ação que a determina como sendo moralmente boa ou má<sup>10</sup>. O *utilitarismo*, como tentativa de criar uma nova teleologia para a moralidade se revelou

---

<sup>8</sup> Cf. TILLICH, P. *Systematic theology*. Vol. I, Chicago: The University of Chicago Press, 1951, pp. 77-82.

<sup>9</sup> Cf. CARVALHO, M. C. M. de. Por uma ética ilustrada e progressista: uma defesa do utilitarismo In: OLIVEIRA, M. A. (Org.). *Correntes fundamentais da ética contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 2000, pp. 99-117; TUGENDHAT, E. *Lições sobre ética*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 310-335; VÁZQUEZ, A. S. *Ética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, pp. 198-205.

<sup>10</sup> Cf. SOARES, A. M. M. A crise da moral secular: os desafios da ética contemporânea. In: SOARES, A. M. M. et al. *Temas de ética aplicada*. Rio de Janeiro: Publit, 2009, p. 24.

como mais um fracasso da modernidade decadente. Bentham acabou produzindo uma visão da natureza humana cujo *telos* seria a obtenção de prazer e a recusa da dor, sendo esses dois motivos os únicos fundamentos da ação humana.

Dentre as concepções filosóficas pré-modernas, o esquema teleológico aristotélico ainda se apresenta resistente diante da fracassada razão moderna secular e da caótica cultura pós-moderna. Não se trata de aplicar ao problema filosófico-moral contemporâneo todo o edifício teórico aristotélico, uma vez que nele existem áreas que não respondem mais aos questionamentos impostos pela atualidade. O objetivo é retomar o esquema aristotélico considerando sua capacidade de justificar racionalmente a moral relacionando-a com as tradições que marcaram historicamente a estrutura sociocultural da sociedade. O vínculo entre moral e estrutura social é imprescindível para a compreensão dos aspectos históricos, filosóficos e sociológicos das práticas das virtudes.

Como imperativo moral de natureza onto-antropológica, o esquema teleológico aristotélico impõe a necessidade de recuperar o sentido do *telos* do homem. Para isto, compreende a urgência em reconhecer que a vida individual (de cada homem) consiste na unidade de uma narrativa encarnada numa vida singular (de todos os seres humanos) que, na forma de atos e palavras, tenta responder sistematicamente às questões acerca do que é bom para cada indivíduo e do que é bom para o homem. É o tecido histórico dos significados formado pelas respostas a essas duas questões que constitui a unidade da vida moral, tanto para um indivíduo como para a comunidade. É uma busca orientada por um *telos* que permitirá ao homem entender o lugar da integridade e da constância da vida, definindo, com isso, ao final, o tipo de vida que é uma busca pelo bem.